

ESTRELA SANTOS: UM MODO DE VER O MUNDO

ESTRELA SANTOS: A WAY OF SEEING THE WORLD

Entrevista com Estrela Santos

Concedida a Eduardo Pellejero

Resumo

A obra de Estrela Santos, suas pesquisas estéticas e seus procedimentos poéticos, dão conta de um engajamento e de uma criatividade ímpares. Utilizando materiais diversos e linguagens heterogêneas, as propostas da artista são uma forma de dar a ver o mundo com novos olhos. Na presente entrevista procuramos desvendar os segredos por trás de um percurso singular e complexo, num diálogo com questões fundamentais para a história da arte e da filosofia da criação artística.

Abstract

Estrela Santos' work, her aesthetic research, and her poetic procedures demonstrate unparalleled engagement and creativity. Using diverse materials and heterogeneous languages, her proposals offer a way of seeing the world with new eyes. In this interview, we seek to uncover the secrets behind a singular and complex journey, in a dialogue with fundamental questions for the history of art and the philosophy of artistic creation.

Palavras-chave:

Arte; poética; princípios; natureza; estética.

Keywords:

Art; poetics; principles; nature; aesthetics.

INTRODUÇÃO

Alguém me perguntou se Tecendo sonhos podia considerar-se um conto de fadas. Sempre me encantaram esses tipos de histórias, mas não acho que o seja. Tudo o que contém esse pequeno livro é certo.

Patti Smith, *Tecendo sonhos*.

Estabelecer o momento no qual algo começa é a questão mais problemática de todas. Antes de que qualquer coisa se manifeste como princípio passaram sempre muitas outras coisas. Da mesma maneira, sob a superfície das nossas vidas se agitam forças que podemos passar a vida inteira sem advertir. Estrela Santos levou 20 anos para assumir que a mais profunda das suas pulsões se abriria na sua vida mesmo que não lhe desse espaço - “eu o neguei durante muito tempo, porque achava que tinha que seguir o caminho que todo o mundo seguia” (Como em el..., 2023). Deve ser uma das situações mais comuns e paradoxais de todas, que quando as coisas começam nos encontrem já no meio do caminho da nossa vida.

Desses momentos, raramente ficam rastros, mas, no caso de Estrela, existe um testemunho que, de alguma forma, condensa essa longa e angustiante experiência de fazer da nossa liberdade um destino. Trata-se de um pequeno livro infantil *O vento e a folha* (Santos, 2001), em que, pela primeira vez, deixava para trás a antinomia entre a necessidade íntima de se expressar (“que basta para ser artista”) e o imperativo mundano de expor (“talvez essa obra não tenha chegado, não tenha vindo ainda”) (Como em el..., 2023), e certamente não possui a intensidade e o poder de síntese das suas produções posteriores (como *Chasing dreams*, da que a separam seis longos anos), mas era, sem dúvida, a sua primeira obra num sentido forte. O princípio: não só o princípio de ela como artista, mas também o princípio das histórias dos seres que voam e dos que deixam tudo para trás para ver o mundo, o princípio de um olhar que anima e é animado pela natureza, o princípio de uma busca de simplicidade ou simplificação, e, em última instância, o princípio de uma intuição sobre o

que a arte é e significa.¹

Porque a arte é antes que nada “um modo de ver o mundo”, e porque esse modo revela “uma poesia que não se encontra na maioria das pessoas” (Como em el..., 2023), Estrela jamais se afastou demasiado dos princípios, comprazendo-se no trabalho diário, nas descobertas cotidianas, onde surge o desenho e se revelam as ideias. Não se trata de dois processos diferentes, mas de um mesmo processo de várias dimensões, que a levou a esgotar inumeráveis cadernos de esboços. Está sempre desenhando e sempre tendo ideias: “Acho que seria uma ótima vendedora de ideias. Como profissão. Esquecer ser artista, só dar ideias para o mundo. Esse olhar atento para coisas que não chamam a atenção, mas que podem dar lugar a uma ideia, é uma coisa que me visita diariamente” (Como em el..., 2023).

Das suas ideias, as de que mais gosto comportam uma fragilidade que pode chegar a ser comovedora. Em *Remendando a natureza* (Santos, 2020), sozinhas ou sobrepostas em composições muito simples, uma série de folhas secas, de espigas e pequenas flores silvestres, são dispostas sobre papel de reflorestação, quase do mesmo modo que em um herbário, fazendo ressaltar a sua forma específica sobre um fundo claro. Só que a matéria vegetal não está acompanhada de informações botânicas, mas de subtis figuras em filigrana, bordadas diretamente sobre o suporte. Entre a contingência dos objetos montados e o cuidado contraponto em fio de algodão não há uma relação necessária, mas uma multiplicidade de relações que se estabelecem entre elas, sem esforço, perante os nossos olhos.² Os padrões abstratos, inspirados no *sashiko*,³ fazem ressoar as estruturas reticulares, as cores vibram em contraste ou se intensificam pela proximidade, o insignificante flerta com o ideograma. E tudo isso com a maior das delicadezas, sem se impor, segundo um *pathos* solidário da precariedade de cada um dos elementos em jogo.

Trata-se de um gesto. De um gesto plástico, improvisado com alegria e leveza, e que, *em e através* da arte, nos convida a ir além da arte -

em direção à natureza, à vida. Mesmo quando as imagens de toda a história da arte alimentem a imaginação de Estrela, é fora que sempre se encontra a sua sensibilidade: “É engraçado: mesmo quando eu vou a um museu, agora fui ao da Gulbenkian, ainda assim a janela é o mais importante para mim. Eu olho aquilo” (Como en el..., 2023). Aquilo, e mais nada: completo, autosuficiente, soberano.

Se em *Memória in natura* (Santos, 2018) ainda observamos certa inclinação a elaborar alegorias a partir desse encontro (“assim como as plantas, as memórias se transformam ao longo do tempo”) (Como en el..., 2023), o *factum do que é sem significação* tende a se impor de maneira literal. Em última instância, a iridescência do real acaba por tomar conta da obra como um todo; quero dizer, não como mero elemento de uma estrutura de sentido, mas como matéria da experiência e fundo trágico da existência.⁴ É o que observamos (e experimentamos) em *Somos uma coisa só?* (Santos, 2018), onde a representação em si mesma é exposta ao processo de degradação que é próprio de tudo o vivo. Pintados folhas de *Epipremnum pinnatum*, os rostos e as mãos que a pintura clássica nos ensinou a apreciar entram num devir que põe em cena o desaparecimento que nos está prometido; não apenas a nós, mas também às nossas obras — a essas obras às que chamamos, com alguma leviandade, imortais (os vídeos que registram o processo poderão sobreviver, por algum tempo, à decomposição do suporte das pinturas, mas o seu conteúdo não admite mistificação alguma: na sua hora também desaparecerão).

Talvez a semiologia exerça sobre nós uma influência mais nefasta do que imaginamos. Sem nos darmos conta, nos descobrimos falando *das linguagens da arte* perante experiência que só tem que ver com o sentido e a comunicação de forma muito acessória. Em realidade, os modos de ver o mundo que nos convida a experimentar a arte contemporânea habitualmente tem mais a ver com o contacto e a abertura, com a receptividade e o sensível. Sem dúvida, a partir disso pode ter lugar um processo de re-significação; isso é quase inevitável. Mas o essencial não é isso. O

essencial é o encontro, ou, se se prefere, o reencontro com o real — com os outros e o mundo (Pellejero, 2023b, p. 19). No fundo, toda re-significação é particular e provisória, mas o encontro que pressupõe cada re-significação é singular e duradouro. Os perceptos e os afetos que mobilizam as propostas de Estrela “nascem desses encontros” (Como en el..., 2023) e procuram dar-lhes continuação e projeção — como na proposta de Calvino: “buscar e saber reconhecer quem e que, em meio do inferno, não é inferno, e fazer que dure, e dar-lhe espaço” (Calvino, 1990, p. 150).

Essa promoção de encontros como desígnio da arte também caracteriza o labor de Estrela como curadora. Em *Confluências*,⁵ a exposição organizada no Museu Câmara Cascudo, em Natal, durante 2020, o convite dirigido aos artistas convocados passava pela recuperação do contacto com a ribeira do rio Potengi (e, de maneira mais geral, com o ambiente em que vivemos). Para promover esse encontro, durante a preparação da mostra, Estrela atuou como mediadora, organizando visitas às margens do rio, articulando diálogos com a população das ribeiras e conduzindo experiências imersivas com os participantes (retomando nisso a tradição das excursões de Joseph Beuys, de quem se reclama explicitamente) (Santos, 2019, p. 2). O resultado — uma série de instalações e videoinstalações, de performances e fotografias — aproximava e tornava sensível isso que habitualmente não ocupa senão um lugar muito secundário na vida dos natalenses, e oferecia uma experiência plural, diversa, desregrada.

Seja tecendo ninhos para a sua sensibilidade (e a nossa),⁶ seja recolhendo folhas que encontra pelo caminho,⁷ a busca de Estrela parece ter por norte formas menos absurdas de habitar a terra e nos relacionarmos com a multiplicidade inesgotável que o planeta nos oferece. Sem outra guia que dê certa “sensação de verdade” (Como en el..., 2023), assumindo sem reservas a possibilidade de errar, e abdicando de dominar uma linguagem qualquer entre outras (isto é, abrindo mão de vir a ser reconhecida como pintura, desenhadora, ou qualquer coisa similar), ela faz da arte um simples meio de exploração e, fazendo isso, nos lembra que a

arte não é apenas nem em primeiro lugar uma questão de técnica, mas uma ruptura com o ordinário, com “essa pátina convencional que se faz passar por uma realidade unívoca” (Saer, 2004, p. 151) – e também uma frequência apaixonada da realidade, das suas dobras e suas sombras, dos seus mistérios negligenciados e suas fontes secretas.

Depois, porque o seu caminho começou com a ilustração, e porque esse caminho ainda não está completamente caminhado, a acumulação de todas essas e de todos esses encontros dá lugar a histórias que muitas vezes prescindem da palavra, como em *A deusa natureza* (Santos, 2020), ou como em *Cazando sonhos* (Santos, 2007). Não sei se nessas imagens se reflete melhor, que em nenhuma outra, a Estrela que eu conheço, mas, sem dúvida, reconheço nelas a menina que faz das suas próprias mãos os óculos para ver melhor as estrelas, ou se vale do seu dedo para assinalar as formas extraordinárias das nuvens no firmamento.

Quiçá exista uma forma de abraçar o mundo sem prendê-lo,⁸ uma forma mais lenta de andar e de olhar,⁹ uma forma entre outras. Se existe, estou convencido, a arte e as ideias de Estrela Santos terão algo que ver com a sua emergência ou com sua incorporação. Não por milagre nem muito menos. Pode ter-lhe levado anos para começar, mas tem feito sem descanso desde então. E continua a fazer, mesmo se, por vezes, sente que se encontra *ainda no princípio* (Como en el..., 2023). Atenta aos mais pequenos acontecimentos — “a beleza da gota de água sobre a folha da couve que vou fazer para o almoço, o embuá que quase esmaguei durante a caminhada matinal, a árvore que foi decepada do dia para a noite” —, a sua arte contribui, com os meios que lhe são próprios, quase sem se propor, para que todos os dias o sol siga saindo.

A presente entrevista foi realizada em julho de 2022, no contexto do projeto *Como en el principio. Comienzos y recomienzos en el arte (y en la vida)* (em português, *Como no princípio: começos e recomeços na arte (e na vida)*). Faz parte de uma série de longas entrevistas idealizadas a partir de pequenas provocações, que deu lugar a um canal de podcast disponível

no Spotify¹⁰ e a uma heterogênea multiplicidade de ensaios dedicados a pensar as relações entre os artistas e as obras no momento da criação. As entrevistas, gravadas em áudio, foram editadas para o podcast e, em alguns casos, como este, transcritas e reduzidas aos seus momentos principais.

Há nas nossas vidas muitos momentos decisivos, e depois, quiçá, há o instante primeiro. De que maneira se deu o começo na arte para você?

Eu acho que a arte é um jeito de olhar o mundo. Foi sendo construído. A arte surgiu de criança, com minha mãe, com meu pai – essa coisa de eles pensarem o mundo de uma maneira que não estava posta no dia a dia, por exemplo, na escola. Era uma poesia que não estava no cotidiano da maioria das pessoas, e eu entendia que tinha outros caminhos que aqueles que todo mundo estava indo. E [também] essa coisa da percepção: olha isso, olha aquilo. Eu acho que desde criança isso [tudo] está presente. [Mas] eu o neguei durante muito tempo, porque achava que tinha que seguir o caminho que todo o mundo seguia.

Como minha mãe é artista, como meu pai é artista, como minha irmã a artista da casa, então, eu achei sempre que não tinha espaço [para mim]. Sempre falei: não sei desenhar, não sou criativa. Foi algo que tive que trabalhar muito em mim, e foi uma das razões de que demorara tanto tempo para me permitir expressar através do desenho, da escrita. Demorou muito.

Aquilo que fez que [disseste:] eu quero fazer outra coisa d[a] minha vida, foi um curso do Centro Cultural, em São Paulo, um curso de pintura. Eu falei: não dá mais para negar isso, não dá mais para fingir que não tenho essa pulsão. Eu vinha fazendo isso timidamente [mas], a partir desse momento, eu falei: eu vou encaminhar minha vida por outro lugar. Eu tinha me decidido aí a fazer.

Max Aub dizia que só há uma coisa que um artista não pode suportar: não se sentir mais no princípio. De que forma o princípio teve lugar na sua vida?

Eu sinto meio como se sempre estivesse no princípio. O princípio para mim é como se qualquer coisa te movesse a pensar, te desse ideias. Apesar de que há um processo que é anterior a esse princípio. Antes de materializar, tem muita ideia, muita coisa, você está matutando, está pensando, coletou um monte de referências, já está tudo lá. Por isso quando você chega a isso que se chama princípio já tem muita coisa. Não sei se é só para os artistas. O artista está mais atento, busca isso, porque isso é o combustível, essas pequenas coisas, esses princípios diários que a gente tem.

Eu já tive momentos sem princípio, que eram momentos de tristeza, de falta de perspectiva, momentos duros. É sempre uma luta, porque você tem vontade de lagar o que está fazendo, o que não é artístico, e colocar sua energia no que você gostaria de criar, ou nas ideias que você tem. É sempre um toma lá dá cá. E por isso acho que é tão importante no meu processo o outro; o outro me instiga a ir, a produzir.

Você olha para outros artistas... artistas, assim, de verdade: meio que chutam pau e tomam partido. Esse partido está bem definido. Nada nem ninguém vai se interpor entre a minha arte e a vida. [Porém], acho que também há uma ideia romântica [nisso]: [a ideia de] que o artista só faz aquilo, só tem aquilo.

Eu fico pensando que o artista tem uma necessidade. E eu me pergunto se é uma necessidade interna, que basta para ser artista, essa eu tenho, essa me impulsiona, me traz para frente. Ou se para ser artista tem que mostrar para o outro, tem que expor, que é uma coisa que me faz questionar se sou uma artista ou não. Porque produzo todos os dias, tenho ideias, escrevo, coisas que são de artista talvez, mas nem sempre tenho coragem para me lançar no mundo para colocar o meu trabalho nos olhos dos outros.

Eu me sinto muito confortável quando não tenho que fazer isso, desfrutando do momento em que o desenho surge, [do momento em] que a ideia surge. E às vezes eu fico pensando que

quando tenho que fazer alguma coisa é dolorido, é difícil. São dois processos completamente diferentes. Eu me sinto muito confortável no meu processo autoral, mas isso não sempre sai para fora, ele está bem dentro dos cadernos. Tenho muitos cadernos com rabiscos, com anotações, pensamentos, desenhos, muitos! [Em todo o caso], eu acho que mais e mais tenho deixado escapar, [mesmo se] onde sinto mais conforto é nesse [trabalho] do dia a dia, num pensamento que vem do nada.

Ontem comecei a pensar num livro sobre minha tartaruga. Comecei a pensar que [falam que] é um bicho lento. Mas as tartarugas não são lentas. Seria legal fazer um livro sobre o que os seres humanos pensam sobre os bichos, sei lá, que o elefante é gordo... A gente é que pensa. Para os elefantes todos [os elefantes] são gordos; inclusive, se um é um pouco mais magrinho... [risos] Então é isso, essa coisa até engraçada, quando eu tenho essa intimidade.

Estou sempre tendo ideias. Acho que seria uma ótima vendedora de ideias. Como profissão. Esquecer ser artista, só dar ideias para o mundo. Esse olhar atento para coisas que não chamam a atenção, mas que pode dar lugar a uma ideia, é uma coisa que me visita diariamente. Às vezes, fico me pegando, [dizendo-me] que eu teria que materializar mais. Isso [acontece] quando a macaquinha vem falar: “tudo isso está bom, mas o que é que você faz com isso?”. Talvez é porque eu entenda que o artista tem que ter esse corpo de trabalho que é visível para o mundo, que o mundo reconhece. Não é só ter a ideia. Esse materializar, esse tempo no atelier é muito importante. E é esse [tempo] de que eu escapo às vezes.

O atelier é, para muitos artistas, uma espécie de templo imaginário, um recinto de solidão. Mas, claro, isso sempre supõe protocolos e procedimentos de experiência. Como essas coisas se articulam na sua rotina?

Quando eu crio, eu estou sozinha. Eu acho que [o atelier] é um dos lugares mais gostosos da casa. Eu gosto da luz, eu gosto da sensação de estar aqui. Porque é aqui que eu [encontro meu] espaço de liberdade, [é aqui] que eu posso criar, que eu posso bagunçar, em fim, fazer o que eu quiser. Poderia ficar aqui infinitamente, fazendo coisas.

[Claro que] para começar uma ideia nova, uma história nova, tem que ter certo movimento, seja enfiar as coisas nos buracos do atelier, seja um movimento interno [do tipo]: bom, agora é essa ideia. Eu trabalho [frequentemente] com várias ideias: tem coisas de vários lugares, porque às vezes as técnicas são muito devagar, e eu sou ansiosa, quero fazer outras coisas.

É muito difícil parar no meu processo. Se você começar uma coisa e ficar muito fragmentado, essa coisa não vai sair, não vai se concretizar. Ela precisa um pouco de calma. É um estado de espírito. Para [princípios] você tem que estar com o corpo já preparado, tem que estar com uma energia. Não vou começar algo sem energia ou doente.

Acho que [a criação] é como uma suspensão, uma coisa como a meditação, como se naquele momento o eu desse uma paradinha. E por isso que é tão gostoso, por isso é que nada importa, nem sequer o resultado. Você está concentrado, sua atenção não está dividida; é como se você se conectasse com alguma coisa que é extensão de você. Você está completa, inteira. Por isso é que é necessário ter calma, porque não dá para fazer isso [apenas por] dez minutos, você necessita ter um tempo maior.

A experiência da instauração da obra, o seu encontro ou descoberta, é frequentemente rodeada de mistificações. Como tem lugar esse acontecimento no teu trabalho? Lembra da primeira obra que revelou para você esse segredo?

Não acho que eu tenha uma primeira obra. Talvez essa obra não tenha chegado, não tenha vindo ainda. Estou sempre na busca, sempre procurando encontrar, nesse processo, caminhos. Não [tem muito a ver] com a técnica: gosto de desenhar, gosto de pintar, agora estou mexendo com xilogravura, estou mexendo com a coisa em si. Estou sempre buscando alguma coisa que possa tirar de mim, [algo que] viabilizar, materializar um pensamento. Talvez por isso não tenha chegado o chan!

Eu estou aqui. Eu acho que a chave do *puzzle* é se encontrar dentro de um negócio de verdade. Sou eu, eu me reconheço nessa [obra]. Eu acho que a gente não inventa nada. Eu acho que minha obra é diferente porque eu tenho um conjunto, porque a mistura que está em mim é diferente da mistura que está em qualquer um, e isso faz que ela tenha alguma coisa que só eu podia fazer. Essa combinação é única, tem uma coisa que é particular.

Em muitas das minhas obras eu me vejo. E isso me causa alegria. Pensar que eu consigo me dar. Se dar é muito difícil, se dar na relação, se dar... Quando eu crio, eu me dou. Eu vejo o que importa para mim, o que me é caro. Não sei se essa é a chave do *puzzle*, mas é uma coisa muito especial.

Merleu-Ponty dizia que o gesto do artista retoma e reinventa, sempre a sua maneira, o grito das origens. Mas, claro, também existe a tradição na qual nos formamos. Onde se enraíza a sua arte?

As imagens que eu incorporo no meu trabalho... Antes que tudo, a vida. [Agora], se for falar de imagens, toda a história da arte. Mas é engraçado: mesmo quando eu vou a um museu, agora fui ao da Gulbenkian, ainda assim a janela é o mais importante para mim. Eu olho aquilo.

[Da mesma forma] quando você trabalha com a planta, a planta em si, ela já carrega um outro significado, que não sou eu que tenho que atribuir. [O que faço] nasce na vida, nasce desse contato com o mundo, dessa vontade, dessa alegria, desse encontro com o fora. Essa vontade de mostrar a partir do que eu vejo, do que eu sinto (porque acho que é mais do que eu sinto), nasce daí, nasce desse encontro.

O que você sente em relação às obras terminadas? As obras estão terminadas mesmo, alguma vez?

É difícil saber quando parar. Quando começa, você sabe onde quer ir. Apesar de que quase nunca o resultado é o que você planejou. A instauração [da obra] se dá no não-fazer-mais. [Por exemplo], chega um momento em que você olha e fala: estou na dúvida, ainda não está completa, não está no ponto que eu queria, e você segue mais um pouco. Mas por vezes, ao contrário, a criação não acontece quando a obra termina, mas tem lugar quando você tem um pensamento, ou um ímpeto, quando você se diz vou fazer esta coisa assim e chá, chá, chá chá!, já é parte de uma instauração.

Há várias coisas que eu faço que, quando olho, me sinto realizada. Não só porque fiz, mas porque isso me traz uma sensação de verdade, me passa uma verdade. E tem outras coisas que não vamos deixar para lá, vamos fazer de novo. Mas às vezes você pensa: que legal, que bonito, não acredito que fiz isso! É por isso que você faz. Essa sensação de contentamento. Como juntar uma coisa com outra pode dar uma coisa tão bonita!

Primeiro você tem que estar aberto, tem que querer fazer a coisa, tem que estar disposto. [Depois] você começa a brincar, o lúdico, essa coisa de se permitir errar, esse é o lance. Por isso quando tenho um trabalho é mais duro, porque eu perco essa possibilidade do erro, eu quero acertar, quero que fique bom. Quando você brinca é mais fácil chegar a esse ponto, que é meio sem querer. É querendo, porque você se [envolve] ativamente no processo de experimentação, mas é sem querer porque você não sabe quando vai chegar. Você está lá, mexendo, e de repente, essa configuração, essa composição é muito legal, olha, nossa!

O que você sente que há de diferente, de novo ou de nunca visto na sua obra? Há algo que começa na sua obra, não apenas para você, mas, digamos, para o mundo?

A gente está sempre reformulando, sempre estão [introduzindo] novas palavras, ou dando significado para [significados dados]. Você vai ganhando vocabulário, mas essa língua nunca está pronta, nunca está fechada, sempre há espaço para outros significados, para outras palavras. Acho que essa é a busca. A gente não está sempre balbuciando porque vai incorporando essas palavras; a gente vai mudando, encontra lugares onde se sente confortável para se expressar. Mas não são lugares que estão aí e que é só. Talvez se eu dominasse uma técnica, se dissesse: sou pintora, sou desenhista, estaria mais assentada numa língua, numa linguagem; mas como estou sempre experimentando outras coisas, inclusive [coisas] que nunca fiz, tem sempre esse balbuciar, e também uma hesitação, de acerto e erro, não tem uma segurança. Acho que é isso que é legal.

Eu sinto muito prazer de fazer coisas que não sei onde vão. Começar a fazer um desenho do nada. Normalmente ficam parecidos. Tem recorrências, você vê que tem várias recorrências. Mas [há uma] tensão se manifesta quando estou buscando. É como se minha mão ficasse brigando com minha cabeça: [a mão diz] deixa que eu vou, eu sei daqui, já conheço o caminho; e a cabeça fala: não, isso não está legal, você tem que mudar. Essa é a tensão, que acho que sou eu comigo mesma, brigando para encontrar um caminho. Quando eu me permito soltar-me, até faço trabalhos bem diferentes, eu não me repito; mas quando a cabeça está, ela quer...

A relação das obras com seus espectadores é da ordem do imponderável na arte moderna. Isso também vale para a relação que o próprio artista estabelece com as obras terminadas. Até que ponto você se sente responsável pelo destino das suas obras?

As obras que termino normalmente vão embora; seja por uma coisa, seja por outra, vão indo. Tenho umas que eu gosto muito, sei lá, que eu penduro, ou fazem parte de um processo, mas se eu falar que está terminada mesmo... Porque muitas obras que eu faço não as vejo como um produto final. Outra pessoa poderia dizer que sim. Talvez eu associe essa coisa do acabado com o tempo que leva [fazer uma obra]. Às vezes, eu sinto que algumas ideias são muito boas, mas se não demandam muito tempo e esforço não [me] parecem [terminadas].

Eu sinto que estou sempre no processo. Nunca sinto que tenho alguma coisa que falo que está muito legal. Tem coisas que eu digo: legal, fiz, está bom, agora vamos seguir adiante. Estou sempre nesse movimento, mais de busca que de encontro. Sempre acho que tenho outra coisa para fazer.

É possível recomeçar na arte e na vida, voltar a se sentir no princípio?

Eu não achava que iria ser professora. Achava que era outro caminho, trabalhar com ilustração, virar ilustradora de livros infantis. Mas esse encontro, esse processo, que quiçá não seja tão espontâneo, do trabalho não autoral, me fez repensar. E vi essa potência de dar aula, e de alguma maneira fez uma bifurcação de tempo, de energia. Hoje estou voltando para isso [para o trabalho autoral], reservo tempo para fazer. Independentemente de se vai acontecer uma exposição ou não, eu tenho essa necessidade. No encontro com a educação eu também me alimento, e me alimento para isso. Mas tem uma coisa que não tem jeito, que é uma limitação de tempo e de energia, você investe numa ou noutra coisa.

Eu me considero uma pessoa com um tempo muito lento. Muitas pessoas são como eu, talvez mais lentas nos seus processos do que se espera na sociedade. Eu sinto que eu tenho um tempo diferente. Mesmo assim, fiz muitas coisas. A artista está, está latente, está fazendo, só que num outro tempo. [Evidentemente], eu tenho expectativas. E isso [as exposições, o reconhecimento] vai vir. Acredito que vai acontecer. Quiçá não no tempo que se espera que aconteça. Aí você pode dizer: vai acontecer por milagre? Não, eu estou fazendo.

Pensando em todo o meu processo, desde a infância, [quando me dizia:] não sou criativa, não sei fazer, até hoje, pensando nisso, me sinto muito orgulhosa do meu caminho. Não só porque tive coragem de assumir isso, mesmo tardiamente [me levou] quase vinte anos! Me sinto muito orgulhosa, e estou aqui, seguindo em frente. Sou muito crítica, claro, mas eu sinto que fiz um super caminho, e por isso não desisto. Talvez [a artista que sou] não se autopromova, mas vai estar sempre aqui.

Acho que aprendi muito e não vou parar. Nesse sentido [para mim] o princípio é diário. “Todo dia o sol levanta e a gente canta o sol do dia.” Todo dia é um princípio, uma folha em branco, [a possibilidade de renascer. Penso que todo dia temos a escolha de fazer, agir, conhecer de outras maneiras, ou repetir e transformar aquilo que faz sentido para nós, seja na arte, seja na vida]. Você tem sempre outra oportunidade. Pelo menos para você. [Não acho que seja fácil mudar esquemas, maneiras e relações que cultivamos ao longo dos anos, mas cada respiração nos lembra que estamos vivos. Assim como nos lembra que podemos dedicar nosso tempo e energia àquilo que nos inspira. Sinto que, para mim, essas inspirações estão atreladas às pequenas coisas do cotidiano, à natureza, aos encontros: a beleza da gota de água sobre a folha da couve que vou fazer para o almoço, o embuá que quase esmaguei durante a caminhada matinal, a árvore que foi decepada do dia para a noite... Também as pessoas que cruzam meu caminho e me impelem a desviar de rota, de pensamento, de perspectiva, de posição].

Alguém poderia dizer: “Estrela, você tem 44 anos!”. Mas eu ainda estou no princípio, estou descobrindo outras coisas.

ALGUMAS OBRAS DA ARTISTA



Figuras 1 e 2 - *Remendando o mundo*, técnica mista (2022).
Fonte: Acervo da artista.



Figura 3 - *Memória in Natura*, instalação técnica mista (2018).
Fonte: Acervo da artista.



Figura 4 - *Frame do vídeo Somos uma coisa só* (2018).
Fonte: YouTube."



Figura 5 - Frame do vídeo *Retrato de nós* (2021).
Fonte: YouTube.¹²



Figura 6 - *Do barro brotamos I* (15x 60 cm). Instalação escultura argila e galho seco (2019).
Fonte: Acervo da artista.

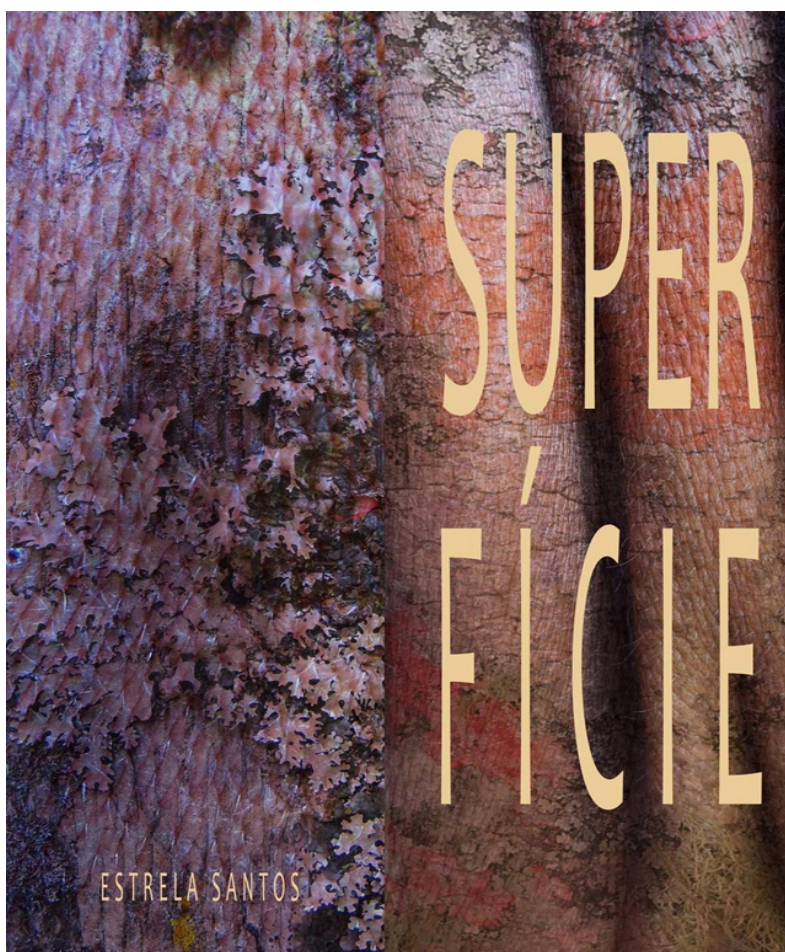


Figura 7 - *SUPERFÍCIE*, fotolivro, impressão sobre papel, 29 x 10 cm (2017).
Fonte: Acervo da artista.



Figura 8 - *SUPERFÍCIE*, fotolivro, impressão sobre papel, 29 x 10 cm (2017).
Fonte: Acervo do autor.



Figura 9 - *Impatiens Humanus* (70 x 30 cm), tela pintada a guache e bordada com fio de algodão (2020).
Fonte: Acervo da artista.

REFERÊNCIAS

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PELLEJERO, Eduardo. O acontecimento poético. A arte em vias de se fazer. **Artefilosofia**, Ouro Preto, v.18, UFOP, 2023b. Disponível em: <<https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/6776>>. Acesso em: 20 fev. 2024.

SAER, Juan José. **El concepto de ficción**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004.

SANTOS, Estrela. **Carta pessoal**. Natal, 4 maio 2023. Manuscrito, não publicado.

SANTOS, Estrela. **Portfólio apresentado para seleção de doutorado na UNESP**. 2019. Documento em PDF, digitalizado, não publicado.

Podcast

COMO EN EL PRINCÍPIO. COMIENZOS Y RECOMIENZOS EN EL ARTE (Y EN LA VIDA): **Estrela Santos - Todos los días el sol levanta**. 41min 5s. Entrevistada: Estrela Santos. Entrevistador: Eduardo Pellejero. Acéfalo, Buenos Aires, 20 de abril de 2023. Podcast. Spotify. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/21w9msjGoT8luz8TFBISBV>>. Acesso em: 27 dez. 2025.

Obras da artista

SANTOS, Estrela. **Memória in Natura**. 2018a. Instalação. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **Perseguindo sonhos**. 2007. Livro. 14 x 7 cm. Amsterdam: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **O Vento e a Folha**. 2001. Livro. 21 x 29,7 cm. São Paulo: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **Remendando a Natureza**. 2020. Bordado e folhas secas sobre papel. 21 x 29,7 cm. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **Voa amor**. 2013. Livro. 14 x 7 cm. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **Ninhos**. 2015a. Instalação. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **A deusa da Natureza**. 2020. Original de arte, caneta nanquim e folha seca sobre papel. 21 x 29,7 cm. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **As folhas que me encontraram no caminho**. 2015b. Original de arte, caneta nanquim e folha seca sobre papel. 21 x 29,7 cm. Natal: Coleção particular.

SANTOS, Estrela. **Somos uma coisa só**. 2018b. Vídeo. 19". Natal: Coleção particular.

Notas

¹ A persistência de alguns temas na obra de Estrela Santos mereceria um capítulo independente. Entre todos, o que me parece mais constante é o da viagem (o de sair para ver o mundo), que está no centro de *O vento e a folha*, e que reaparece de maneira muito mais elaborada em *Chasing dreams* (ainda inédito), adotando contornos existenciais e maduros na sua produção literária dos últimos anos.

² “Como juntar uma coisa com outra pode dar uma coisa tão bonita!” (Como en el..., 2023).

³ “As plantas eu coletei em minhas caminhadas por diversos lugares onde passei. A maioria delas estava caída no chão, então, eu pegava e guardava em meus cadernos de desenho. A ideia de criar veio de uma de minhas pesquisas com o bordado e com linhas. Descobri o Sashiko. Sashiko sashi: “facada”, ko: “pequeno”, literalmente: “pequenas facadas” ou “pequenos golpes” é uma forma de costura de reforço decorativa (ou bordado funcional) do Japão que começou com uma necessidade prática durante a era Edo (1615-1868); tradicionalmente era usada para reforçar áreas de desgaste ou reparar locais desgastados ou rasgados com remendos, tornando a peça mais forte e mais quente. Hoje ela é aplicada à moda e à decoração. O que me chamou a atenção nesta técnica é que ela usava aquilo que tinha disponível para criar e transformar a realidade. A simplicidade e a força criativa. Acho que a arte contemporânea também é assim... Com linha e agulha, as bordadeiras transformavam tecidos desgastados em algo resistente e surpreendentemente bonito. Além disso, apesar da funcionalidade dos pontos eles eram inspirados

na natureza e apresentavam um pouco do lugar de onde eram criados: ondas, montanhas, bambu, penas de flecha, capim-dos-pampas, raios e flores de caqui” (Santos, 2023).

⁴ É interessante o modo pelo qual esse fundo trágico aparece, inclusive em *Somos só uma coisa?* (Santos, 2018), onde a artista adota a sua forma mais cruel, sob figuras da beleza. Isso é algo digno de nota na obra de Estrela: essa inclinação para resgatar a dimensão solar da existência sem ocultar o caráter contingente da mesma.

⁵ Sobre *la exposición*, ver: <<https://mcc.ufrn.br/programacao/confluencias>>. Acesso em: 22 jul. 2023.

⁶ *Ninhos* (Santos, 2015a) “é uma instalação interativa composta por seis ninhos produzidos em linha e madeira pela artista e a estrutura de um ninho para os participantes criarem um ninho também. Inspirada nos processos naturais de construção de ninhos de pássaros” (Santos, 2019, p. 5).

⁷ Cf. Santos, 2015b.

⁸ Cf. Santos, 2013.

⁹ “Eu me considero uma pessoa com um tempo muito lento. Muitas pessoas são como eu, talvez mais lentas nos seus processos do que se espera na sociedade. Eu sinto que eu tenho um tempo diferente” (Como en el..., 2023).

¹⁰ Disponível em: <<https://open.spotify.com/show/7nbR8ROjUwxHZArWZCqKSm?si=82595bdbf7444f2b>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

¹¹ Disponível em: <<https://youtu.be/EDBGtF4xdsc>>. Acesso em: 20 set. 2023.

¹² Disponível em: <<https://youtu.be/rGvaubSBU5I>>. Acesso em: 31 out. 2023.

SOBRE A ENTREVISTADA

Estrela Santos é artista visual, professora e pesquisadora. Mestra e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), também é licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. Membro do grupo de pesquisa *Ensino e Linguagem*, onde desenvolve estudos sobre o livro ilustrado, literatura infantil negra e suas formas de mediação. Em 2013 recebeu o 1º lugar no concurso *Petrobras de Quadrinhos*. Em 2016 publicou a HQ *O tempo voa na Coletânea Potiguar de Quadrinhos*. E-mail: profestrela@gmail.com

SOBRE O ENTREVISTADOR

Eduardo Pellejero é professor de Estética Filosófica na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Autor de *Apostulação da realidade* (2009), *Perder por perder (e outras apostas intelectuais)* (2017), *O que vi - Diário de um espectador comum* (2018), *Justiça poética (palavras e imagens fora de ordem)* (2019), *Lusco-fusco* (2024) e *O ruído e a fricção - Desdobramentos da experiência estética* (2025). E-mail: estetica.ufrn@gmail.com

Recebido em: 2/5/2025

Aprovado em: 30/9/2025